

## Ensaio: Leituras e estudos da Bíblia

*Ivoni Richter Reimer<sup>1</sup>*

Com gratidão pelo convite para participar dos trabalhos aqui realizados, quero poder contribuir com esse tema que é significativo e sempre atual, fazendo alguns recortes históricos e temáticos. Num primeiro momento, apresento alguns elementos de princípios hermenêuticos que foram sendo desenvolvidos por Lutero no contexto da Reforma, e em alguns aspectos foram recepcionados por hermeneutas, ainda hoje. Num segundo momento, desenvolvo três blocos temáticos, para mim relevantes nas leituras e nos estudos da Bíblia.

### **1. Alguns princípios hermenêuticos da Reforma até hoje**

A leitura e o estudo da Bíblia foram um dos fundamentos, pilares do trabalho de Lutero e de suas contribuições no processo da Reforma. A tradução da Bíblia, das línguas hebraica, grega e latina para a língua alemã - que aliás Lutero ajudou a criar - foi importante para que o povo pudesse ter acesso a todas as passagens da Bíblia, e não apenas escutar o que era selecionado e lido do púlpito, em latim, o que a maioria realmente não compreendia. Para esse trabalho de

---

<sup>1</sup> Doutora em Teologia/Filosofia/Ciências da Religião pela Universität Kassel (Alemanha, 1990), com pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Interdisciplinar, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduação em Teologia pelas Faculdades EST (São Leopoldo/RS) e na Faculdade de Teologia Bethel (Bielefeld/Alemanha). Professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Escola de Formação de Professores e Humanidades - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião - atual - e em História - até 2019). Pastora ordenada emérita da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).  
<https://orcid.org/0000-0003-4274-8407>. E-mail: ivonirr@pucgoias.edu.br

tradução, Lutero não usava apenas seus conhecimentos das línguas clássicas, mas também o conhecimento que tinha da língua do seu povo. Ele dizia: *Man muss dem Volk auf dem Mund schauen* (“É preciso olhar para a boca do povo”) para compreender sua língua e saber quais termos e expressões melhor traduzem o conteúdo bíblico para essa língua. Um dos objetivos de Lutero, nesse trabalho de tradução, era, como dito, possibilitar que o povo todo tivesse acesso a toda a Bíblia. Mas só ter acesso não bastava, e nem basta, porque a maioria não sabia ler. Portanto, junto com o trabalho de tradução e impressão da Bíblia, Lutero e seu grupo, do qual também participavam mulheres, ocuparam-se em fomentar a criação de escolas públicas para a educação fundamental. O objetivo era ensinar a aprender a ler e compreender.

Por que esse trabalho de tradução, impressão da Bíblia e educação formal foi importante para o processo da Reforma? Penso que tem a ver fundamentalmente com um princípio hermenêutico que Lutero foi desenvolvendo ao longo de seus trabalhos. Olhando para o povo e os abusos que a maioria sofria por parte das autoridades imperiais e religiosas, em termos econômicos e socioculturais, Lutero entendeu que a igreja, por meio de suas hierarquias em nível local e global, não proporcionava um amadurecimento da fé, nem um desenvolvimento intelectual crítico e independente de seus fiéis. Pelo contrário, a partir do Magistério Eclesiástico, a igreja definia o que devia ser ensinado para o povo, quem podia ensinar e como tinha que ser feito. Portanto, esse Magistério controlava as mentes e a economia do povo, dos professores, dos sacerdotes e das freiras. Quem se opunha, sofria as penas que também Lutero sofreu...

Ora, percebendo e conhecendo que o Magistério Eclesiástico era quem ditava as regras em relação ao que se devia crer e como se devia contribuir economicamente para receber as ‘graças’ da igreja, Lutero começou a adotar uma estratégia que poderia subverter essa ordem autoritária e patriarcal da sua igreja a partir de suas bases: colocando a bíblia traduzida nas mãos do povo, criando escolas para que o povo aprendesse a ler e compreender, estavam colocadas as novas bases que poderiam ajudar a sustentar a Reforma. O objetivo era sair do controle do Magistério Eclesiástico, que definia o que podia e o que não devia ser lido e ensinado ao povo.

Com isso, Lutero e seu grupo desenvolveram talvez uma primeira preciosidade hermenêutica, que precisa ser reativada atualmente: cada pessoa é sujeito hermenêutico e, portanto, vai vislumbrando o que é importante para sua vida de fé e sua atuação na sociedade e na igreja. Há aqui uma atitude desviante do controle que Roma tinha sobre a lide com a Sagrada Escritura. As pessoas, na

medida em que foram aprendendo a ler e a perceber os ‘grilhões do cativeiro babilônico da igreja’, também podiam ir construindo uma consciência crítica em relação às coisas que eram de manejo da igreja por meio dos clérigos e demais funcionários, e buscar tecer outras formas de construir comunidades interpretativas e de vivência de fé. Formaram-se grupos de leitura e estudo da Bíblia! Essa é uma herança significativa que foi trazida também para o Brasil nos processos de imigração: construir galpões comunitários, igreja e escola, ensinar a ler, trabalhar e celebrar a fé!

Portanto, um dos primeiros contributos de Lutero para o processo da Reforma pode ser destacado como sendo uma ‘primeira virada hermenêutica’: com o acesso à Bíblia e à escola pública, cada pessoa deve ter o direito de ser, ela mesma, o sujeito que interpreta a Palavra na Vida e, com isso, tornar-se sujeito histórico da sua própria vida! Isso sem dúvida teve consequências não só na vida de Lutero...

Gostaria de adentrar nessa questão da ‘comunidade interpretativa’, que acabou se tornando uma base importante para a leitura e o estudo da Bíblia em outros períodos históricos, tomando como referência expoentes hermenêuticos, herdeiros e herdeiras dessa Reforma.

Schleiermacher (séc. XIX), teólogo e pastor luterano de tradição moraviana pietista, conhecido como ‘pai da hermenêutica’, coloca mais algumas bases fundamentais para a leitura e o estudo da Bíblia, entre elas se destaca o ‘círculo hermenêutico’, que consiste em compreender as partes a partir do todo e o todo a partir das partes. Nesse processo, ele destaca a importância do sujeito com espírito criador, considerando o real e o cotidiano para contextualizar a mensagem; quem lê e interpreta, para compreender, coloca-se em comunhão com a experiência ‘espiritual’ do autor (teoria da congenialidade), podendo revivê-la por meio da empatia (*mitfühlendes Nacherleben*). Essas bases hermenêuticas foram importantes para libertar a religião da moral, valorizando as subjetividades, a emoção e a compaixão. Quem deu continuidade ao trabalho de Schleiermacher na universidade na Alemanha foi Dilthey, adentrando o século XX: reafirmou a empatia como necessária para ler e interpretar os textos, destacando que a compreensão acontece na atividade social da leitura e não na solidão do indivíduo. Esse processo de compreensão também requer imaginação criativa: a partir de nossas experiências é possível transportar-nos até a experiência narrada, que seria uma experiência análoga à nossa, anterior e exterior a nós. Interessante perceber que os grupos de estudos da Bíblia no CEBI originalmente também destacavam isto, identificando experiências narradas com experiências da própria vida.

Naquele mesmo tempo de Schleiermacher e de Dilthey, diferentemente dos Manuais de Hermenêutica, eu gosto de trazer à memória também a Elisabeth Cady Stanton, que nasceu e cresceu numa família presbiteriana conservadora nos EUA, e que junto com seu grupo atuava em movimentos sociais e políticos abolicionistas e sufragistas nos USA. Ela fazia conferências, manifestações públicas, e um dia o grupo foi participar de um Congresso abolicionista em Londres. Ali, ela fez uma experiência negacionista que mudou os rumos de sua vida: ela foi proibida de falar em ato público em favor do voto das mulheres e contra a escravidão, com base no texto de 1Co 14,34-35 e de 1Tim 2,11-12. Quando voltaram aos USA, decidiram estudar Teologia! O método histórico-crítico estava sendo desenvolvido, e elas o exercitaram na análise de toda a Bíblia. Compreenderam e afirmaram que: A história é o lugar da revelação de Deus, que a Bíblia não é livro neutro e não foi ‘ditada’ por Deus; Interpretação de textos e construção de dogmas estão perpassados por interesses de dominação principalmente de mulheres e pessoas escravas; A leitura da Bíblia deve ser pessoal e grupal, embricada em movimentos sociais.

Na sequência, com Heidegger e Gadamer, essas bases continuaram a ser desenvolvidas, afirmando a importância da compreensão histórica do ser-situado-no-mundo, a fim de compreender as experiências narradas nos textos. Não se trata de uma mera transposição para a personalidade do outro e com ele identificar-se, mas de compreender a Bíblia a partir da história e dos seus contextos específicos, considerando criticamente também a tradição e a história efetual da interpretação no decorrer dos tempos: interpretação repetida tem efeitos históricos na vida das pessoas; se você sempre de novo ouve que a mulher deve permanecer calada e submeter-se ao marido, você acaba acreditando que isso é palavra de Deus e que assim deve ser.... Por isso, é preciso ler criticamente essas tradições. Assim, compreender NÃO significa perpetuar/reproduzir uma tradição/autoridade, mas indica para possibilidade (fusão de horizontes) de também romper com ela numa nova interpretação a partir de novas experiências e de uma nova linguagem, o que hoje chamamos de ‘inclusiva’. Portanto, compreender e interpretar são “a movimentação de uma multiplicidade de possibilidades”.

Nesse sentido, quando a gente lê a obra de Elisabeth Schüssler Fiorenza, p.ex., bastante usada no Brasil, percebe-se que ela elabora a hermenêutica com base nesses referenciais apontados acima, entre outros. Destaco a questão da experiência, do real e do cotidiano, da empatia e da imaginação criativa. Portanto, hermenêuticas – também feministas – não surgem do nada, mas estão ancoradas em

experiências interpretativas anteriores, e que no caso remontam até alguns princípios hermenêuticos de Lutero. Contudo, Schüssler Fiorenza e nós – a partir de nossa Teologia da Libertação - o fazemos, olhando para os ‘porões da humanidade’, para pessoas mais vulnerabilizadas no decorrer da história e atualmente, especificamente mulheres em suas múltiplas relações. E nisso somos incômodas, porque tratamos de questões que incomodam na tradição cristã: corpo e sexualidade, violência e submissão, direitos de mulheres, participação plena de mulheres na igreja e na sociedade, libertação e opressão, violências contra os corpos de mulheres e o corpo da Terra etc. Nesse processo, as leituras da Bíblia são contextuais e dinâmicas, mostram ambiguidades e complexidades, pois estão inseridas na história, sendo que a sua legitimidade hermenêutica baseia na vida machucada que anseia por libertação, e não em autoridades instituídas que geralmente não atuam em favor dessas vidas.

Isto posto, quero falar sobre alguns referenciais basilares que sustentam e impulsionam nossos trabalhos de leitura e compreensão da Bíblia. Entre os princípios hermenêuticos da Reforma, destaco o *sola scriptura*, vinculado com *solum Christum* e *sola gratia*, bem como o princípio de que cada pessoa é sujeito da interpretação, constituindo-se comunidades interpretativas. Como primeiro aspecto temos que a Bíblia interpreta a si mesma, o que significa que o sentido literal já contempla ou abre também para o sentido espiritual, místico e social; isso significa que a Bíblia não é interpretável a partir de dogmas e doutrinas, ou mesmo da tradição. Isto é bom, pois evita que leiamos a Bíblia para confirmar e retroalimentar doutrinas, sem delas fazer igualmente uma leitura crítica. Isso é relevante, porque muitas vezes o peso do resultado de uma interpretação é sobreposto ao texto bíblico, sem que se faça uma análise histórico-crítica e sociocultural do próprio texto, como é o caso da narrativa sobre Marta e Maria (Lc 10,38-42): a história interpretativa forjou uma hostilidade entre as duas irmãs, o que não consta no texto, e também sobrepôs ao texto a representação de uma mulher contemplativa (Maria) em prejuízo da outra mulher ativa (Marta); além disso, trancafiou Marta aos serviços domésticos, o que também não consta no texto bíblico. Marta e Maria são discípulas que ouvem o Mestre e realizam diaconia junto às pessoas que sofrem! ... Voltando ao *sola scriptura* de Lutero: é óbvio que atualmente a gente não se satisfaça com uma exegese linguístico-gramatical, o que era o caso no tempo de Lutero. Com os avanços de métodos exegéticos e de hermenêuticas, partimos dos princípios da Reforma, abrindo-nos a outras perspectivas e a novas demandas do

nosso tempo, assim como também fez Lutero, e isso é plenamente legítimo! Vejamos e aprofundemos o olhar e a compreensão desse princípio, em seu segundo aspecto: A Bíblia se interpreta a si mesma, tendo por orientação aquilo que promove a Cristo (Evangelho), assim continua o princípio *sola Scriptura*.

O que promove a Cristo? Acaso são as inúmeras formas de violências cometidas contra mulheres, crianças, pessoas empobrecidas, natureza, outros povos e etnias...? Acaso eram as indulgências do passado ou é o mercado da fé dos nossos dias, ambos iludindo as pessoas com o objetivo de fazer dinheiro, muito dinheiro, e recriando obscurantismos por meio do medo, ódio e negacionismos? NÃO! O que promove a Cristo é a fé ativa no amor, na misericórdia e na solidariedade, a exemplo do próprio Jesus. Lutero costumava dizer: você pode/deve ser um Cristo para o próximo que precisa de ajuda. Isso equivale a dizer, hoje: ler e compreender a Bíblia, a fim de motivar para a vivência de uma espiritualidade, de uma fé que promove a Cristo junto e a partir da vida machucada que anseia por libertação! Quero desenvolver, a partir daqui alguns eixos temáticos referenciais de leitura e análise da Bíblia, que possam contribuir com essa compreensão e sua importância para nossa vida em suas múltiplas relações e dinâmicas.

A vida machucada clama por uma espiritualidade ecológica

Inserida na nossa realidade, preciso destacar um eixo referencial importante, que é a espiritualidade ecológica: A Criação toda está sofrendo sob o “cativeiro da corrupção” e grita como em dores de parto para alcançar a libertação e viver a liberdade de filhas e filhos de Deus (Rm 8,18-30). Todas as tradições mítico-narrativas sobre a Criação - desde o Gênesis até o Apocalipse – testemunham acerca de que Deus, no poder de sua *Ruah* divina, criou todas as formas de vida a partir do caos: desde o primeiro raio de luz até o ser humano na sua plenitude - homem e mulher; imagem e semelhança de Deus – para viver em comunhão com todos os seres, com a função de serem mordomo e mordoma, para cuidar e preservar a grande casa! E tudo era bom, e tudo era muito bom! Assim viu e avaliou Deus. E por isso, Deus abençoou os animais e abençoou os seres humanos, para que a vida possa ser mantida boa, muito boa! Talvez por isso mesmo é que a coroação de todo esse trabalho de Deus é o descanso no sétimo dia: Deus descansou de toda a sua obra que fez (Gn 2,2-3). E Deus também abençoou esse dia, santificando-o como dia de descanso também para toda sua criação! É interessante perceber como, no decorrer da história, os destaques são diversos e diferentes nas interpretações que se fizeram e fazem sobre a criação. Lutero, no

Catecismo Menor, no primeiro artigo do Credo Apostólico, escreveu: “Creio que Deus me criou junto com todas as criaturas, e me deu corpo e alma, olhos, ouvidos e todos os membros, inteligência e todos os sentidos, e ainda os conserva; além disso, me dá roupa, calçado, comida e bebida, casa e lar, família, terra, trabalho e todos os bens”. Esta interpretação de Lutero já indica para uma percepção de criação continuada, na qual casa e subsistência, p.ex., são extensões dessa boa criação de Deus, destacando a comunhão na criação.

Diferente, porém, foi e é nos processos de colonização, em que se considera que todas as coisas criadas estão aí para serem exploradas e delas tirar proveito: não cuidar, mas usufruir, com ares antropocêntricos, portanto, não mais junto em comunhão, mas o humano se colocou no centro de tudo e se sobrepôs às demais criaturas; não mais mordomo, mas senhor, o que contradiz a vontade originária de Deus. Também Jesus e Paulo viveram em tempos de colonização, realizada pelos senhores políticos e proprietários das terras e dos minérios no tempo do Império Romano, também na Palestina. Ali havia exploração da mão de obra escrava e diarista, junto com a exploração da terra: toda a criação estava sob o domínio da ganância, do acúmulo e da violência. Os grandes proprietários eram cidadãos romanos ou famílias pertencentes às elites religiosas judaicas, como no caso a família do rei Herodes. A exploração da mão de obra e da terra fazia com que os proprietários senhores ficassem cada vez mais ricos, e os povos colonizados cada vez mais pobres; muitas mulheres, nesses processos de ocupação de territórios, eram violentadas, raptadas e transformadas em prostitutas. Era isso que também acontecia no processo de empobrecimento das famílias judias que, por meio de dívidas, acabavam perdendo as terras, sendo que os pais muitas vezes tinham que vender a si mesmos, às esposas e filhos e filhas para a escravidão. Talvez por isso Jesus tornou as prostitutas bem-aventuradas, acolhendo-as no seu Reino (Mt 21,31s).

É nesse amplo contexto das relações de poder, riqueza e empobrecimento que é possível compreender as críticas de Jesus que, com base na Torá e na observação da vida, afirmava que era loucura acumular/armazenar em silos os cereais colhidos, enquanto o povo passa fome (Lc 12,20), porque os frutos da terra estão aí como graça de Deus para alimentar as pessoas e os animais, e não para enriquecimento e geração de assimetrias sociais. Nesse sentido, Jesus insistia na simplicidade, na partilha e na subsistência do dia a dia: “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” é uma das petições de sua oração! Nas suas andanças pelas estradas, pelos montes, por aldeias, cidades e lagos, ele ensinava a repartir comida e roupa: se você tem duas túnicas, dá uma para quem não tem; se você empresta dinheiro não

pense em cobrar juros e não espere a devolução; se você tem pães e peixes, realiza o milagre da partilha, pois a multidão tem fome! E organiza a junção das sobras, porque a comida é sagrada e muitas crianças doentes têm que comer as migalhas que caem das mesas, igual a cachorrinhos, como aparece na história da mãe que procura Jesus para curar sua filha (Mt 15,21); o jovem rico quer participar do Reino de Deus anunciado por Jesus, mas não consegue partilhar sua riqueza com as pessoas empobrecidas, e por isso perde a alegria de viver esse novo tempo (Mt 19,16ss); o pobre Lázaro é acolhido no colo de Abraão, enquanto o rico que não viveu a misericórdia fica de fora, vai arder nas chamas do inferno (Lc 16,19ss); as pessoas diaristas recebem seu justo salário, que deve ser o suficiente para viver naquele dia (Mt 20); as pessoas devem poder colher e comer os frutos da terra nos campos, quando por eles estão passando, assim como fizeram Jesus e seus discípulos e discípulas, e também devem fazer isso no dia de sábado, sem transgredir o descanso sabático, porque a vida, o saciar a fome é mais importante que a lei do sábado (Mt 12). Esta lei está a serviço do bem viver, para o descanso e a reposição das energias. E nesse sentido, as tradições sabáticas e jubilares são importantes para Jesus: para além do descanso semanal, delas fazem parte o perdão das dívidas e a devolução de terras, a cada 49 anos, terras perdidas por causa de endividamento: assim, a próxima geração poderia recompor a vida em dignidade!

Em Lucas 4,16-21 temos o resumo da ação libertadora de Jesus Messias: com base na lei e na profecia, Jesus entende que a Ruah divina o ungiu para trazer boas novas para as pessoas empobrecidas, para proclamar libertação aos prisioneiros de guerra, para curar pessoas doentes, para libertar pessoas da opressão, e realizar o ano sabático, o Jubileu! Perdoar dívidas e devolver terras que haviam sido tomadas por conta das dívidas ... e assim, restaurar a bem viver de toda a criação, pessoas e natureza: na tradição sabática, as pessoas escravas adquirem liberdade, os animais descansam, a terra tem o seu pousio! Sim, também a terra tem o sagrado direito de descansar e assim recompor suas energias! Sim, também para Jesus, a criação forma um conjunto, uma comunhão entre pessoas, animais, plantas, terra, água e ar... Hoje a gente fala da interdependência de todos os seres... Jesus percebeu que o acúmulo, a ganância, a ansiedade pelo amanhã destroem a harmonia da criação, e Jesus diz: “não andem ansiosos pelo que haverão de comer e vestir... Observem as aves do céu... observem os lírios do campo ... Deus sabe do que vocês necessitam, ele proverá... Busquem o Reino de Deus, sua justiça, e estas coisas serão dadas a vocês” (Lc 12,22-34). Essa espiritualidade ecológica, de confiança em Deus, supera ansiedade e cria comunhão

com quem precisa da gente; essa espiritualidade parte do pressuposto da gratuidade das dádivas da criação de Deus: ele dá o seu Reino, toda sua criação e por isso nós podemos desapegar, partilhar, viver misericórdia! Este evangelho de Jesus, que também é boa nova para toda a natureza, se opõe diametralmente à lógica da exploração e do acúmulo, porque questiona as violências praticadas contra a terra e contra as pessoas! Sim, a boa criação de Deus corre riscos, está ameaçada pela ganância, pelos crimes, pelo acúmulo e pela corrupção, e ela se prepara para algo novo, que ainda não sabemos o que é...

Assim, em Rm 8, o apóstolo Paulo expressa isso na forte imagem do trabalho de parto. Paulo pensa sistemicamente a partir das realidades opressoras do Império Romano, e utiliza figuras de linguagem/imagens que expressam as razões do sofrimento de toda a criação a partir daquele contexto: “Pois a expectativa da criação esperanceia a revelação dos filhos [e filhas] de Deus - pois a criação está submetida ao sem-sentido/à futilidade (mataiôtes) não voluntariamente, mas por causa de quem a dominou – por meio da esperança que também a própria criação será libertada da escravidão da corrupção para a liberdade da glória das crianças de Deus” (8,19-21). Paulo constrói argumentos para defender a tese de que, pela fé, as pessoas se tornam filhas de Deus e herdeiras com Cristo e que por isto NADA haverá de separar essas pessoas “do amor de Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor” (8,39). A linguagem e as imagens são fortes, denunciam a dominação dos senhores sobre toda a criação, que está sob o domínio da escravidão, da ganância e da exploração, e por isso ficou sem-sentido! Lembremos: o sentido de todo o trabalho feito por Deus era a comunhão de todos os seres, todos abençoados, para que a vida seja boa e digna para todas as criaturas! Sob o cativeiro da corrupção, da violência e da ganância, a criação perdeu o seu sentido, e sofre! E mais, Paulo anuncia que a criação está trabalhando em dores de parto, para dar à luz algo novo – nova criação... e nesse trabalho participa toda a criação, destacadamente as pessoas que creem e a própria Ruah divina, Espírito de Deus!

Essa nova criação é expressão de esperança que brota dos escombros da vida de quem mais sofre: a própria natureza e as pessoas exploradas em todas as dimensões. ... Por causa de todos os sofrimentos causados ao corpo vivo da terra e aos corpos de mulheres, crianças e homens nos processos de exploração, também o Apocalipse elabora uma visão de mudança profunda: todo o livro trabalha na perspectiva que o Império Romano e seus agentes causam danos irreparáveis à criação de Deus – simbolizados na besta fera/dragão, que tudo abocanha; nos reis da terra, que enriquecem; no mar, que traz os exércitos contra a terra sagrada; na grande Babilônia/Roma

que mata as pessoas que creem em Jesus e se alimenta da exploração do trabalho dos povos conquistados; nos grandes comerciantes e latifundiários, que se enriquecem e vivem na luxúria... Vejam só o texto de Ap 18,11-14, que apresenta os frutos da terra que os mercadores usurpam da Palestina e vendem em Roma: “ouro, prata, pedras preciosas, pérolas, linho finíssimo, púrpura, seda, escarlate, madeira cheirosa, objetos de marfim, móveis de madeira preciosíssima, bronze, ferro e mármore, canela de cheiro, especiarias, incenso, unguento, bálsamo, vinho, azeite, polvilho, trigo, gado, ovelhas, cavalos, carroças, escravos e vidas humanas” – novamente fica claro, em primeiro lugar, a diversidade e a riqueza da produção na terra sagrada de Deus, que deveria estar à disposição do povo que lá habita e, claro fica em segundo lugar, como a exploração e o empório não se restringem aos produtos da terra, mas também comercializam pessoas livres e escravas! É por isso, pelos crimes e pecados cometidos contra a boa criação de Deus, que esta criação explorada e sofrida esperaneia por libertação e liberdade (Ap 21-22): a visão de novo céu e nova terra, onde Deus novamente poderá habitar, onde não mais haverá sofrimento, choro, doença, exploração e morte, queimadas e fumaças.... O rio da água da vida suprirá a sede de todos os povos, a árvore da vida dará frutos para alimentar o povo e suas folhas para curar os povos; não haverá mais nenhuma maldição! A expectativa da criação não se acomoda às coisas e aos poderes que a estão destruindo, mas tem esperança e trabalha, junto com Deus e as pessoas que creem, para sua libertação dos poderes da ganância, violência e da morte.

Espiritualidades eco-teológicas e ecofeministas observam e vivenciam esse conjunto/comunhão de toda a criação, que sofre e que resiste, que vai construindo outras formas de lidar com a vida em todos os sentidos, mesmo quando a gente ainda não sabe exatamente como será... E vamos fazendo isso junto com e a partir das vidas mais vulnerabilizadas, entre elas mulheres, crianças e pessoas empobrecidas e doentes. Assim como fez Jesus, assim como fizeram mulheres e homens na missão de anunciar e vivenciar o evangelho libertador!

## **2. Com Cristo vencer os poderes da morte**

Neste segundo eixo temático, destaco que, no poder dinâmico do Espírito Ruah, Cristo vence os poderes da morte e todas as formas de violência, concedendo a dádiva da vida em liberdade, que se expressa na vivência do amor. Esse amor, que também é expressão da compaixão, foi vivido por Jesus por meio de uma forma de ação

libertadora que foi significativa para muita gente que sofria de doenças: As pessoas doentes eram discriminadas e geralmente excluídas do convívio, e por isso se encontravam à beira das estradas, mendigando às portas de templos, escondidas nos cemitérios... As curas de Jesus têm algumas características marcantes: ele olha e vê as pessoas que estão sofrendo, que o procuram para receber a cura; ele fala com elas, e pergunta o que querem que ele faça; ele se compadece; em diálogo e nessa relação, ele toca ou é tocado pelas pessoas; ele acolhe, perdoa e envia na paz; a pessoa é curada, segue Jesus ou volta para casa. É importante destacar que a cura é gratuita, sinal da graça e da misericórdia de Deus, e que a cura gera atitude de gratidão por parte das pessoas, bem como seguimento a Jesus.

Os poderes da morte também são vencidos por meio do ensino de Jesus, que acontece por meio de parábolas, ditos e provérbios, da leitura e interpretação da Torá, sabedoria e diálogos polêmicos. Nesse ensino, ele se dirige aos discípulos e discípulas, aos seus colegas judeus que estudam e interpretam a Torá, à multidão nos lugares por onde o grupo anda, a pessoas em particular, como Marta e Maria. Nesse ensino, ele questiona e desmascara a hipocrisia dos que se dizem mestres e sábios na observância dos mandamentos, mas não são misericordiosos, e são fraudulentos e gananciosos, porque inclusive roubam as casas das viúvas: “Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talaes e gostam das saudações nas praças e das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas e para justificar isso fazem longas orações; eles sofrerão juízo mais severo” (Mc 12,38-40). Ele os chama hipócritas, exatamente porque eles deveriam observar as normas legais e proféticas do cuidado especial em relação às viúvas e órfãos, mas delas tiram proveito.

Isso significa que o ensino de Jesus denuncia as injustiças e a procrastinação por parte daqueles que sabem o que é certo e justo, mas não o fazem, e assim Jesus coloca o dedo nas feridas que fazem o povo sangrar: em Lucas 18,1-8, uma viúva é protagonista da parábola em que ela reiteradamente vai até o juiz para que ele decida a causa que ela apresentou contra seu adversário, para lhe realizar seu direito, mas ele não atende porque ele não quer, “porque não teme a Deus, nem respeita nenhuma pessoa”, é caracterizado como juiz da injustiça, e ele recém então resolve realizar o direito da viúva, porque sentiu-se ameaçado de ter sua fama pública desacreditada. Esta ação perseverante e teimosa da viúva é tomada por Jesus como modelo de oração que agrada a Deus: não desistir, mas persistir! Portanto, Jesus ensina que a morosidade da justiça humana e a procrastinação devem ser enfrentadas com passo firme e punho forte!

É também nas suas andanças que Jesus desvela corrupção, roubos e enriquecimento ilícito e ensina por meio de sua ação como a conversão se faz necessária e pode ocorrer: Zaqueu era funcionário romano, trabalhava na alfândega, cobrava taxas e impostos – e nesse trabalho defraudava as pessoas, e enriqueceu, e por isto era conhecido como pecador. Jesus entra na casa dele em Jericó, e contra toda a murmuração do povo, Jesus se hospeda na casa de Zaqueu, e certamente com ele falou sobre o Reino de Deus e sua justiça. Disso resultou a conversão de Zaqueu (Lc 19,1-10), que se mostrou concretamente na sua disposição de dividir os bens com os pobres e devolver muito mais do que tinha fraudado... O ensino de Jesus é transformador, liberta das amarras de pecados, de ilícitos que no fundo prejudicam a vida digna do povo, porque desvios de dinheiro, rachadinhas, etc. impedem que o dinheiro cumpra sua função social de alimentar, cuidar da saúde e da educação do povo.

Em seu ensino, Jesus também se posiciona criticamente em relação à estrutura do Império Romano, na figura do imperador, quando seus colegas fariseus mandam perguntar se é lícito pagar impostos a César (Mt 22,15-22 par.). Jesus percebeu que era uma cilada para, em caso de resposta negativa, entregá-lo aos funcionários militares do Império; por isso, pediu que eles lhe mostrassem a moeda do tributo, o denário romano. E eles mostraram: só isso já desmascarou o grupo na sua falsidade ideológica=hipocrisia, porque não deveria estar portando a moeda estrangeira, porque na percepção judaica ela torna impura a pessoa que a usa! E Jesus continuou perguntando a quem pertence a efígie/a cara e a inscrição que nela constam – ao que responderam que é de César, o imperador. Então Jesus disse, colocando claramente a sua perspectiva: “Devolvei a César o que é de César” – devolvam essas moedas a César, e então não mais será preciso pagar imposto e nem se tornar impuro com o seu uso! E Jesus continuou com maior radicalidade: “E devolvei a Deus o que é de Deus” – Jesus estava falando com fariseus e herodianos, aliados do Império Romano, e eles sabiam o que, para os judeus, era de Deus: a terra de Israel/Palestina é de Deus, a cidade santa de Jerusalém é de Deus... e tanto a terra quanto a cidade estavam ocupadas pelo exército e pelos funcionários do Império Romano – devolver a Deus a terra santa é devolver a terra a seu povo, é questionar radicalmente a ocupação romana, a violência e a exploração que causa ao povo santo de Deus.

É claro que com isso Jesus vai aumentando o número de pessoas que aderem a seu projeto e simultaneamente vai aumentando também o número de pessoas, as mais poderosas que rejeitam o seu projeto, e vão arquitetando formas de denunciá-lo às autoridades

romanas, para entregá-lo à morte. E é assim que lenta e previsivelmente Jesus se encaminha aos tempos e episódios que chamamos de Paixão, em que ele percebe que seu destino será a morte por condenação romana por meio da pena de morte, a cruz. E ele é denunciado por seus colegas judeus, ele é traído por seu apóstolo Judas, negado pelo apóstolo Pedro, foi preso e torturado pelos soldados romanos, sendo por fim dependurado na cruz, como criminoso frente às leis romanas, e como maldito frente às concepções judaicas. E nesse doloroso processo, Jesus se sente abandonado também por seu abba “paizinho”, e morre por meio de seus algozes que dele escarnecem, no Gólgota... E também aqui toda a criação reage, se manifesta e denuncia essa barbárie e injustiça: trevas cobriram toda a terra, a terra tremeu, as rochas racharam, sepulcros se abriram e pessoas santas ressuscitaram com Jesus...

E é nessa narrativa da morte e da ressurreição de Jesus que o novo também acontece dentro do próprio movimento de Jesus: nova criação! As mulheres são as primeiras testemunhas da ressurreição, anunciam o mestre Jesus ressurreto! Sim, elas seguiram Jesus desde o início na Galiléia, estavam com seu grupo em todo o caminho, ouvindo seu ensino, participando de suas ações e estão aptas para acompanhá-lo até a sua morte de cruz; não o abandonaram, não fugiram, apesar do perigo que também elas corriam ao permanecerem próximas do lugar de execução de um prisioneiro considerado criminoso, como nos lembram os discípulos em Emaús... Elas foram discípulas fiéis até a morte! Vivenciaram e anunciaram a ressurreição do seu mestre Jesus, o Cristo. Eram Maria Madalena, Maria de Tiago, Maria de José, a mulher de Zebedeu, Salomé, Joana, Suzana... formando o grupo das Sete, significativo para a continuidade do movimento de Jesus, agora ressuscitado! Dentre elas, é Maria Madalena que tem o destaque de ser testemunha da ressurreição e de ser anunciadora dessa ressurreição para o grupo, portanto, a apóstola dos apóstolos, título que preserva até hoje. Esta Maria Madalena, junto com as demais mulheres e também com Maria mãe de Jesus, encontram-se junto com os Onze no Monte das Oliveiras, em Jerusalém (At 1,14), e vivenciam o Pentecoste, o dom do Espírito que capacita cada uma dessas pessoas a serem testemunhas e anunciarem a Boa Nova que vivenciaram, em todos os lugares pelos quais chegariam a realizar a missão cristã.

E assim adentramos as narrativas da missão, em que mulheres e homens atuam como sujeitos históricos, capacitados pelo Espírito e que se colocaram a realizar a diaconia plena por meio de várias manifestações de carismas, em vários lugares, como Corinto, Cencréia, Roma, Jope, Filipos...: mulheres foram apóstolas, a

exemplo de Maria Madalena e de Júnia (Rm 16,7), foram diaconas como Febe, foram missionárias como Priscila, Maria, Trifena, Trifosa, Pérside (Rm 16,1-12; At 18,1-4), organizaram igrejas que se reuniam em suas casas (1Co 16,19; Rm 16,5). Sim, nesses trabalhos, mulheres como a discípula Tabita realizavam sua diaconia junto com viúvas (At 9,36-42), transformando sua casa em igreja para ensinar a Palavra e tecer roupas para agasalhar pessoas necessitadas. Assim, também na casa de Lídia se reuniu a primeira igreja em Filipos, igreja de mulheres que foi acolhendo também homens (At 16,11-15.40): era a casa de mulheres trabalhadoras de tinturas e confecção de tecidos, que vendiam seus produtos viajando por todo o território da Ásia Menor e da Macedônia, e assim faziam missão. E assim também em Roma, no final do séc. I, a jovem Praxedes acolheu em sua casa pessoas cristãs perseguidas, e ali ensinava e realizava a diaconia para aliviar os sofrimentos de pessoas empobrecidas em Roma. Sim, a gente lê e deve ler esses textos e tradições de mulheres empoderadas na Bíblia para fortalecer mulheres em suas lutas e organizações hoje, contra toda violência e nenhum direito a menos!

O que todos esses textos evidenciam é que mulheres participavam plenamente do movimento de Jesus e das comunidades-igrejas cristãs nos inícios. Por isto é que dói mais ainda ver e vivenciar como mulheres sofreram e sofrem preconceitos, discriminações e silenciamentos nas igrejas, nas casas e na sociedade. Elas continuamente são vítimas de várias formas de violência, e muitas vezes essas violências são legitimadas e apoiadas por textos bíblicos e tradições cristãs. Porque além dos textos que relatam sobre libertação, também há textos na Bíblia que testemunham sobre horrores sofridos por mulheres: elas sofrem violência sexual, mesmo estando sob a proteção da hospitalidade (Jz 19,1-30); elas sofrem ameaça de apedrejamento, quando flagradas em adultério (Jo 8,1-11; Dt 22; Lv 20); elas carregam a culpa de Eva ter transgredido a ordem de Deus (1Tim 2,14), motivo pelo qual é dito que mulheres devem permanecer em silêncio, submissas aos maridos (cf. Cl 3; Ef 5; 1Pe 3; 1Co 14,34-35). Também esses textos a gente deve ler, porque servem de alerta e mostram quanta injustiça já se cometeu contra mulheres, quando se reporta a apenas esses textos...

Para avaliar esses textos, observamos um dos princípios fundamentais levantados por Lutero: a Escritura interpreta a si mesma, tendo por orientação aquilo que promove a Cristo; fazemos uma garimpada intertextual no Novo Testamento e percebemos que Jesus, p.ex., não se refere nenhuma vez à narrativa da queda de Adão e de Eva, dela não fazendo uso para discriminar ou incriminar mulheres! Quem o faz é Paulo e principalmente alguns discípulos de

Paulo, mais tarde, por meio das cartas pastorais... Jesus não disse nenhuma palavra que tornasse mulheres incapazes de viver plenamente a dádiva da vida, ou que insinuasse que mulheres tivessem que ser submissas a homens! O que, então, nesse caso, promove a Cristo? Os textos de horror arrolados acima, ou o ensino e a práxis de Jesus, que inclusive não condena a mulher pega em flagrante adultério, dialoga com ela e a envia para nova vida, liberta e perdoada? Sim, a gente lê e deve ler esses textos, e deixar que a própria Escritura mostre com quais tradições Jesus consolidou seu movimento de libertação e seu Reino de paz que brota da justiça!

### **3. Justificação por Fé e Graça - também para nós, mulheres**

Isso nos encaminha para o terceiro bloco de abordagem temática, que é uma herança muito preciosa, legada por Lutero, também e talvez principalmente para mulheres: trata-se da justificação por fé e graça. Se realmente levarmos a sério um dos princípios hermenêuticos lançados por Lutero – que cada pessoa é sujeito hermenêutico –, como entendemos os textos de Paulo, interpretados por Lutero, como sendo o centro nevrálgico da teologia: o justo viverá pela fé?

Como construir esperança e perseverar? De onde encontrar forças para lutar contra sofrimentos e injustiças? Como não fazer o jogo do poder, tornando-se pessoa conivente ou omissa em relação às injustiças e corrupções? Essas também eram perguntas que motivavam discussões no tempo do apóstolo Paulo e de Lutero, e elas norteavam a busca por uma vida em dignidade como resposta ao amor de Deus. Toda a situação de injustiça, sofrimento e corrupção, bem como a descoberta da possibilidade de viver de forma justa e digna estão presentes nas reflexões e formulações sobre a justificação por fé. Paulo não desconhecia nem desprezava a situação de miséria, exploração e destruição que o povo e toda a criação de Deus sofriam. Ao contrário. Ele buscava compreensão e atuação: transformar a situação de injustiça em horizonte para construir novas relações! E para isso a noção da justiça de Deus foi central. Mas no que consiste a justiça de Deus?

#### **3.1 A corrupção do Império e a justiça de Deus**

Paulo viajou e viveu em várias cidades importantes do Império Romano, e sabia que Roma era o centro do poder. Ali foi produzida a ideologia da “paz e segurança” que servia aos interesses dos ricos do

império e que era imposta em todos os lugares como ideologia dos opressores. Em Roma se concentrava a administração e toda a riqueza vinda de todas as partes do Império. Ali também estava presente e representada toda a pobreza do Império: pessoas prisioneiras de guerra, escravas, artesãs empobrecidas, miseráveis e doentes de toda espécie. Para contrabalançar com o peso da corrupção do império e seus agentes, como sendo uma das causas de sofrimento da criação de Deus, Paulo joga todos os argumentos em favor da justiça de Deus que consiste em juízo e misericórdia.

### **3.2 Transformar pessoas pecadoras em pessoas justas que praticam a justiça**

Na sua reflexão e argumentação, Paulo quer fortalecer a esperança numa vida nova mais justa para todas as pessoas, “graças àquele que ressuscita os mortos e que cria a vida a partir do nada” (Rm 4,17). Esse Deus que ressuscita é misericordioso e justo. O objetivo da justiça de Deus é transformar todas as pessoas em novas criaturas em Cristo, as quais, transformadas, praticam a justiça num mundo onde ninguém é capaz de praticá-la por sua própria força e vontade, porque não se consegue cumprir toda a lei! E como essas pessoas são transformadas? Sendo justificadas/tornadas justas por meio da fé.

Essa justiça tem poder transformador: pessoas oprimidas e opressoras podem se transformar em pessoas irmãs que, orientadas pela lógica do Espírito, fazem justiça para transformar o mundo injusto que elas mesmas ajudaram a criar.

Para Paulo, o pecado é um poder escravizante que impossibilita as pessoas de realizarem o bem que elas querem (Rm 7,7-25). Para dentro dessa situação que reflete a situação social e que repercute na sociedade romana, Para dentro de tal mundo, Paulo anuncia o Evangelho: a intervenção de Deus através de Jesus Cristo para todas as pessoas que creem e a justificação pela graça mediante a fé (Rm 3,21-26). Mas como a fé pode tornar as pessoas justas? Porque a fé verdadeira se expressa por meio do amor, e somente assim as pessoas podem realizar justiça, portanto, justificadas para praticar justiça que é fruto do amor (Rm 8,4 no contexto). E é assim que viveremos como novas criaturas (Gl 6,15; 2Co 5,17) dentro de uma criação renovada. Paulo pensa na realidade da nova criação não apenas de corações e mentes individuais, mas de uma sociedade inteira e de todo o mundo (Rm 8,19-21). Esta é uma Boa-Nova principalmente para as pessoas empobrecidas e marginalizadas, bem como para todo o ambiente maltratado, que sofrem as consequências da injustiça e das violências.

Com Jesus e Paulo aprendemos que Deus condena o pecado, condenando a lógica perversa da sociedade (Rm 1-2). A graça de Deus, que se revela como misericórdia e libertação, alcança principalmente as vítimas dessa lógica do pecado estrutural (Rm 8,35-37). Somente Deus, em Cristo, pode nos libertar dessa estrutura injusta e do poder do pecado, e isso acontece dentro das estruturas deste mundo.

Contudo, nesse mundo que causa opressão e sofrimento, a tendência é que as pessoas tenham medo dos poderosos, e resignem diante das injustiças. Para Paulo, no entanto, importa fortalecer a resistência com base no amor. Mas como motivar pessoas para a vivência dessa fé? A saída que Paulo aponta para fortalecer a fé e a esperança é revelar que todo sistema que segue a lógica do pecado está condenado por Deus, e ele realça que a *Ruah* divina capacita para a vivência do amor, e nisso a gente não caminha só, mas na comunhão das filhas e filhos de Deus (8,14-17). Portanto, em comunidade de fé que atua pelo amor podemos ser novas criaturas e agir conforme a vontade de Deus. Quem vive essa fé não pode dominar e maltratar seu irmão e sua irmã!

Pelo que entendi de Paulo e de Lutero, a justificação por fé e graça não libera a gente da responsabilidade de agir de acordo com a vontade de Deus. Interpretando Gl 5 – foi para a liberdade que Cristo nos libertou -, Lutero desenvolve a complexidade dessa questão, que nós conhecemos como ‘paradoxo da liberdade cristã’. Somos pessoas tornadas justas por meio da graça de Deus em Cristo Jesus, que nos salva por meio de sua vida e sua morte-ressurreição, concedendo o perdão que liberta da escravidão do pecado. Mas o que fazemos com essa libertação/liberdade? Jesus e Paulo, como também Lutero, afirmam que essa obra gratuita de Deus espera de nós uma resposta de gratidão, e essa não se dá em forma de procissões, ofertas e presentes para os templos, mas por meio do cumprimento da vontade de Deus, que se resume no amor! Se somos pessoas justificadas – tornadas justas – por meio do amor misericordioso de Deus, então não podemos ficar de braços cruzados! O amor-resposta se baseia na misericórdia e na solidariedade, e age buscando construir comunhão e paz que brota da justiça, ali onde vivemos e na sociedade em que atuamos! Isso é muito importante, a fim de que a gente não se deixe escravizar novamente pelo sistema do pecado, que impera em todos os lugares por meio de pessoas que desviam nossas mentes semeando medo e ódio, de pessoas que roubam impunemente e com isso incitam outras pessoas a fazer o mesmo, que usam de violências para maltratar e subordinar os corpos de pessoas vulnerabilizadas e todo o ambiente... Por isso, a libertação que Deus nos concede em Cristo e no poder de sua *Ruah* divina exige de nós uma decisão em favor do amor,

que se manifesta gratuitamente como serviço (diaconia) e ações de misericórdia, que igualmente querem ser instrumento de libertação. Portanto, a liberdade que Cristo nos conquistou manifesta-se como liberdade em favor da construção de relações justas, que garantam a dignidade para a vida de todas as pessoas, de toda a criação. Essa liberdade não se presta a produzir desinformação nem falcatruas, não é desculpa para praticar ilícitos, e nem está a serviço de interesses outros que não estejam no horizonte do Reino de Deus e a sua justiça, portanto, essa liberdade se consolida no serviço do amor que promove a paz.

É tudo isso que a justificação por graça e fé deve significar também para nós, mulheres! Consideramos que não há nenhuma pessoa isenta de cometer pecado, nem homem nem mulher e que todas, portanto, carecem do perdão de Deus em Cristo. Mulheres e homens são agraciados com essa dádiva, e se colocam igualmente sob a graça da libertação e da liberdade, para nunca mais serem escravizadas, dominadas, sujeitadas e sofrerem violências e injustiças! Estamos libertas para, em liberdade, viver e contribuir com a construção de relações mais justas, dignas e prazerosas, testemunhas do amor!